

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

12 de novembro de 2020

CERRO DOS PIOS / 2019

um filme de Miguel de Jesus

Realização: Miguel de Jesus / **Fotografia:** Afonso Mota, Miguel de Jesus / **Captação de Som:** Francisco Costa, Miguel de Jesus / **Montagem e Mistura de Som:** Tomé Palmeirim / **Montagem:** Tomás Baltazar / **Com:** Afonso Mota, Bruno Côrte-Real, Francisco Costa, Manuel Martins, Miguel de Jesus.

Produção: Primeira Idade, Bruno Côrte-Real, Miguel de Jesus, Pedro Fernandes Duarte / **Estreia Mundial:** 21 de outubro de 2019 no Cinema São Jorge (festival Doclisboa) / **Cópia:** DCP, cor, com legendas em inglês, 80 minutos.

Com a presença de Tomás Baltazar

Como pressuposto, uma folha de sala contém informação do filme *per se*. Neste caso, e por desígnios que eu próprio não consigo traduzir, parece-me vital falar do que antecede e precede este filme, e escapar voluntariamente a tal função.

Nasci na Praia do Carvoeiro (Algarve) e lá vivi até aos nove anos. Devido ao divórcio dos meus pais, mudei-me para o *locus-horrendus* suburbano de Lisboa. A partir desse momento, e carregando pela primeira vez o sentimento de perda, criei uma relação distante com o meu progenitor.

Ao chegar à idade adulta, o primeiro amigo, colega de escola e vizinho que fiz neste novo mundo e que me ajudou à introdução no mesmo, foi assassinado. Tal pesar fez-me voltar a um passado remoto e tomei a decisão de cortar qualquer ligação que restava com o meu pai.

Quase uma década depois, saí da escola de cinema com o desejo ordinário de fazer os meus filmes e segui um percurso que me pareceu natural – aprender e trabalhar nos filmes de outrem. Um dos meus primeiros trabalhos exigia que viajasse de uma ponta à outra do Algarve em busca de uma personagem específica onde só lá existia a possibilidade de a

encontrar. A meio da minha estadia, pernoitei num hotel com vista para as falésias do sítio onde nasci e a ideia do meu paraíso perdido voltou para me assombrar, e fui atingido com a necessidade visceral de voltar a ver o meu pai e visitar esse passado que eu forçava para se tornar esquecido.

Parti com os meus colegas para o Carvoeiro à procura do meu pai, longe de alguma ideia concreta do que o filme poderia ser, e à mercê do desenrolar de uma história fora de controle. Tive a sorte e o azar de fazer o que me era mandatário e não o que desejava. O *Cerro dos Pios* será sempre o filme que tinha que fazer e não o filme que queria fazer. Esperava dar o salto para a idade adulta, um *coming of age*, sem sequer saber o que isso significava. Foi um caminho sinuoso e sofrido, que alterou a minha vida de uma forma irreversível. E tem a preciosidade de ter começado no lugar onde nasci e finalizado à distância na ilha da Tasmânia, do outro lado do mundo, sitio esse para o qual me mudei e pretendo construir um futuro.

“Tens razão quando dizes que foi uma viagem que nos alterou o destino”, disse-me o Bruno na última conversa que tivemos por telefone. E um encontro fugaz com alguém que nos foi próximo, após anos de separação e por mais necessário que seja, nem sempre traz as revelações que as *feel good stories* nos prometem. Por vezes, não se encontra a resposta para o sentido da vida, do universo e tudo mais, mas sim com alguém a nos ensinar como regar as plantas correctamente. E talvez seja essa a lição de vida que, no final de contas, todos nós precisamos.

30 de setembro de 2020
Miguel de Jesus